



## “Uma Tradição que é Fogo”<sup>1</sup>

Andreza Mota de Oliveira ANDRADE<sup>2</sup>

Shislane da Vitória SILVA<sup>3</sup>

Nivaldo Cândido de SOUZA<sup>4</sup>

Jaqueline Neves Moreira<sup>5</sup>

Universidade Tiradentes, Aracaju, SE

### RESUMO

Na cidade do ‘Recopilador Sergipano’, primeiro jornal a circular em Sergipe, a valorização pelo mês junino é característica própria. A população exalta as festividades juninas como forma de não permitir que a tradição seja extinta. Assim, o projeto pretende mostrar quem são os fogueteiros de Estância, a sua realidade e a relação com a tradição da cultura dos fogos. ‘Uma tradição que é Fogo’, foi erguido e apresentado em forma de vídeo-documentário no qual explana sobre a cultura, a comunicação e a importância de se produzir um documento retratando a prática desses artesãos, além do histórico a respeito da região estanciana. Pesquisas e contatos com personalidades reconhecidas, permitiram um melhor entendimento sobre o tema. O projeto é sustando por visitas feitas *in loco*, onde foram desenvolvidas entrevistas e captação de imagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; fogueteiros; vídeo-documentário.

### INTRODUÇÃO

Existem em todos os países diversas manifestações culturais que expressam juntamente com a tradição a característica de uma comunidade ou de um povo. Com essa visão entende-se que a iniciativa de trazer ao público bem mais do que uma apresentação de ‘luz e cores’ dos fogos de artifícios, do município de Estância, surpreende até mesmo quem conhece a tradição. E é exatamente a tarefa de compor a cena e de mostrar quem são esses fogueteiros estancianos, sua realidade e relação com a

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da Unit, email: [jornalandreza@yahoo.com.br](mailto:jornalandreza@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da Unit, email: [shis.silva@ig.com.br](mailto:shis.silva@ig.com.br)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da Unit, email: [nivaldocandido@hotmail.com](mailto:nivaldocandido@hotmail.com)

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professora Mestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Unit, email: [jaquelineneves@gmail.com](mailto:jaquelineneves@gmail.com)



tradição, que o projeto é erguido e apresentado, em formato de vídeo-documentário, como fonte de estudo. Diante dessa idéia foi tomada a decisão de dividir do mesmo pensamento de Hall (2004), que fala que ‘no conjunto do mercado simbólico’, a junção da arte com o folclore permite redimensionar um ‘saber acadêmico e a cultura industrializada’, assim se posicionando ‘sob condições relativamente semelhantes’, e construindo um material de suporte capaz de gerar um registro que atenda a várias vertentes.

Segundo alguns estudiosos, a cultura pode se apresentar movida por forças internas, vista numa espécie de plataforma de interação de povos e, em outro momento como consequência de conflitos fruto da variedade, do isolamento ou do desenvolvimento de idéias, concepções e modos de conhecimento que se opõem. É preciso ainda salientar o respeito doado à cultura em todos os seus eixos, para Santos (1996), referir-se à alta cultura em primeiro momento tem um significado restrito e sugeri oposição à selvageria, à barbárie, formatando uma cultura entendida como marca da civilização, já em uma segunda posição as considerações abrangem um sentido mais completo entendido como direito de respeito a qualquer povo.

Hoje os fogueteiros se vêem fora de uma crise, experimentada por falta de incentivo e apoio dos órgãos responsáveis, e isso teve certa atenção no projeto, uma vez que os autores lidos para fundamentação teórica desmistificam o que é ou não prioridade nos atuais dias. As dificuldades citadas giram entre a falta de recurso financeiro e condições precárias de trabalho, pois falamos de fabricação de fogos, onde se têm produtos de um alto grau de periculosidade, que propiciam a essas pessoas o arriscar da própria vida, ora pelo prazer de participar da construção da história de uma cultura ou por simplesmente seguir os passos das gerações passadas.

São poucos os que fazem da cultura e da arte sua filosofia de vida, e por representarem uma minoria é que se percebe cada vez mais que é um dever social documentar uma manifestação cultural.

A tarefa também se estendeu em entender como são feitos os fogos, como se mantém essa tradição, como nasceu essa idéia, e quem conseguia ainda fabricar sem prejuízos ou quem já desistiu do ramo. O interesse de concretizar esse registro era um fruto do desejo de oportunizar a quem conhece ou não a manifestação junina, trazendo a tona o conhecimento de uma tradição em potencial. Os procedimentos adotados no estudo se ativeram ao aprofundamento bibliográfico (pesquisa em monografias, livros, artigos científicos...), realizando visitas *in loco* para um apanhado de informações e



imagens, coleta de depoimentos dos fabricantes de fogos da cidade, como também a utilização de imagens do processo da produção dos fogos produzidas em outras pesquisas e ao final do trabalho, desenvolvido um vídeo-documentário, como produto de um estudo.

Divido em quatro capítulos o projeto explana em cada um deles a realidade dos fabricantes de fogos e contextualiza teoria e prática. No primeiro capítulo foi preciso definir como cultura e comunicação se entrelaça, no segundo capítulo se decidiu por conceituar o que é um vídeo-documentário, dentro desse capítulo foi gerado mais dois subcapítulos para ilustrar sobre a necessidade básica de roteiros e personagens.

No seguinte, intitulado Estância e os Fogueteiros o trabalho foi voltado para o desenvolvimento da história do município de Estância e o caracterizar da tradição ('A arte de ser fogueteiro'). Aqui também houve uma fragmentação para justificar de forma consistente a escolha do tema. Por fim, a narração do desenvolvimento da parte prática do projeto.

## **2 CULTURA E COMUNICAÇÃO**

Referir-se a cultura requer um estudo significado, isento de qualquer restrição ou preconceito que possa atrapalhar ou formatar uma idéia de desvalorização ou secundarismo. Preservar o respeito à cultura em todos os seus eixos e entender a dimensão de cada um deles é uma atividade que exige paciência e uma busca constante dos motivos que propiciaram a concepção da mesma.

A prioridade dada no projeto fica por conta de dois pólos, o primeiro de eleger a face de alguns fogueteiros para trazer e traçar com maior riqueza de detalhes a tradição no município de Estância, e o segundo de apostar na primazia do contexto atual para sintonizar o público-alvo. A eleição desses fogueteiros sugere a princípio uma entrevista que, 'nas suas diferentes aplicações é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais'(GUEDES, 2006, p. 08), e que em perguntas simples e objetivas, em linguagem clara, tende a esmigalhar as respostas de o entrevistado, afim chegar ao ponto de não existir mais dúvidas.



A garantia que a produção de fogos de artifícios de Estância é de qualidade e reconhecida, é algo comprovado por quem entende de fabricação, pelos próprios brincantes e por quem pesquisa esse assunto. Essa avaliação é formatada pelo referencial que a cidade ganha em artigos, livros e documentários.

A toca de espadas é um fenômeno que ocorre durante as festas juninas, principalmente o São João, em algumas cidades da Bahia, cidades do recôncavo baiano, principalmente Cruz das Almas, mas também Sapeaçu, Muritiba, Governador Mangabeira, também já ocorreu em Cachoeira e São Félix, etc., também em Senhor do Bonfim, mas distante. Também ocorre em Sergipe, na cidade de Estância, por exemplo. (<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19327.pdf>).

Percebe-se que a identidade cultural da região Centro-Sul de Sergipe é forte e sustenta em diversos contextos a tradição da produção de fogos. Essa afirmação se baseia no quadro de cidades que se entrelaçam por deterem a matéria-prima para a confecção dos fogos (o bambu), por se inserirem em circuitos de apresentação (as famosas guerras de espadas e ou busca-pé), e por formarem um eixo referencial dessa cultura.

O braço maior do comprometimento dos governantes é marcar no calendário da cidade o dia 31 de maio, especificamente à zero hora, para com uma salva de fogos, o ascender de uma fogueira simbólica e o hasteamento da bandeira de São João para anunciar à chegada do mês de junho, oficializando, com um convite à população, a abertura da festividade popular.

É preciso mais, é preciso despertar a consciência dos artistas, políticos, líderes e formadores de opinião para o que é o próprio sustentáculo de uma nação, a sua diversidade cultural. É necessário emitir um sinal vermelho e orientar a seguir o caminho da valorização, com limites naturais da própria atividade e seus determinantes, sem cair na padronização.

É interessante questionar o que é entendido por cultura, e isso é feito com orientação de um autor que defende argumentos que permitem entender e esmiuçar o conceito. Piza (2008, p. 46) é um desses autores, e este avalia que, ‘... A maioria das pessoas associa ‘cultura’ a algo inatingível, exclusivo dos que lêem muitos livros e acumularam muitas informações, algo sério, complicado, sem a leveza de um filme-passatempo’.



### 3 VÍDEO-DOCUMENTÁRIO

Primeiro é sentida a necessidade de se definir alguns pontos para chegar a identificar em que proporção é produzido um vídeo-documentário e quem será atingido pelos conhecimentos ofertados por esse.

Para Doc Comparato (2009, p.328), ‘historicamente o documentário nasceu com a fotografia, depois foi conhecido como filme de propaganda, para elevar o moral das tropas aliadas ou nazistas durante a Segunda Guerra Mundial’, diz o autor. Já em uma definição de conceito tem-se que:

O documentário é um gênero audiovisual utilizado como forma de expressão da sociedade e registro dos acontecimentos, desde o início do século XIX. Com a invenção do cinema, alguns autores utilizavam os recursos do documentário para suas produções cinematográficas, antes mesmo que sua dominação fosse configurada como é atualmente. (<http://www.bocc.uff.br/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>).

Usando da proposta de Zandonade e Fagundes (2003), ‘o vídeo-documentário se caracteriza por apresentar determinado acontecimento ou fato, mostrando a realidade de maneira mais ampla e pela sua extensão interpretativa’, não é difícil aderir à idéia de produzir um vídeo que enfoque a experiência dos fogueteiros e mostre o dia-a-dia da fabricação.

Ainda nesse processo de identificação, dois outros pontos devem ser levados em consideração, a idéia e a história, a primeira deve se apresentar clara antes mesmo de ser posta no papel e a segunda deve ser o alicerce do projeto. Para Cathrine Kellison (2007), ‘a história é soberana. Independente do gênero do projeto que você deseja desenvolver, uma boa história é a base de tudo’, e com esse pensamento a autora desmistifica os gêneros, ‘seja o projeto uma série dramática, um noticiário, uma sitcom ou um especial de esportes’, a história tem que atrair o público-alvo independente da maneira com que cada gênero pode contá-la.



Segundo Comparato (2009, p.328), ‘a máxima de um bom documentário é seu compromisso com a ‘verdade’’, e quando isso é proposto o rótulo de ‘bom documentário’ nunca termina ou dar-se como encerrado o tema.

Importante: um bom documentário nunca se acaba, jamais encerra um tema. Mostramos os fatos de um máximo de pontos de vista possíveis e deixamos ao expectador as interpretações. O documentário que se preza não pretende convencer o expectador, mas fazer refletir sobre aquele tema. (COMPARATO, 2009, p. 328).

‘Uma tradição que é Fogo’ surgiu diante um projeto proposto em 2006, pela uma professora da disciplina de estatística, Juliana Barbosa, do curso de Comunicação Social- Jornalismo da Universidade Tiradentes, e foi alavancada por sete alunos, que foram pacíficos aos passarem os direitos autorias da idéia, através de um termo de acordo, assinado por todos, para a confecção de um novo produto.

### 3.1 Roteiro

Segundo Kellison, o roteiro passa por etapas de desenvolvimento, uma espécie de estágio de desenvolvimento que se ‘ refere às fases iniciais do projeto, nas quais você lapida a idéia bruta’, e depois as coloca ‘no formato de story line (uma descrição em, no máximo, cinco linhas), sinopse, proposta e/ ou roteiro’, propõe a autora.

Para o autor Syd Field (2001, p. 02) é bastante preciso propor um roteiro mesmo quando a necessidade é tão óbvia, ‘Se o roteiro é uma história contada em imagens, então o que todas as histórias têm em comum? Um início, um meio e um fim, ainda que nem sempre nessa ordem’. A ordem não necessariamente precisa cumprir a praxe (início, meio e fim), mas sim ser proposta de acordo com uma idéia coesa e que justifique essa escolha. ‘Uma tradição que é Fogo’ vem amparado por uma escolha prática de contar a atual situação dos fogueteiros, gradualmente retornar ao contexto do início da tradição na cidade, usando de pesquisas e memória viva e, ao final propor, através das reivindicações dos fogueteiros, uma alternativa de melhoria nas condições



de fabricação do fogo e uma estratégia de manutenção da atividade como cultura acessível aos cidadãos estancianos e turistas.

Segundo Doc Comparato (2009) é ‘fundamental um roteirista ver e sentir a cena’, a justificativa fica a cerca de que estamos sempre buscando imagens, que a nossa imaginação é ‘treinada para ver cenas em nossa mente’ e que com o passar do tempo, temos um ‘exercício’ que se torna ‘repetitivo’. Kellison (2007) atesta que ‘a história determina quão longa ou quão curta é sua cena’, que não existe regras a serem seguidas, e propõe que é preciso ‘confiar na sua história’ e tudo o mais seguirá o rumo certo.

A pesquisa é sustentada junto à intensidade de captar o visual e de retratá-lo com a maior veracidade possível, por tanto, é aceitável a colocação que:

O filme é um meio visual que dramatiza um enredo básico, lida com fotografias, imagens, fragmentos e pedaços de filme: um relógio fazendo tique-taque, a abertura de uma janela, alguém espiando, duas pessoas rindo, um carro arrancando, um telefone que toca. O roteiro é uma história contada em imagens, diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática. (FIELD, 2001, p. 02).

A decisão de usar de um roteiro prioriza alguns fatores e reflete no ganho de tempo, Comparato (2009) é claro ao dizer que planejar diminui entraves e propiciam resultados positivos, ao dedicar atenção ao roteiro, pesquisar, conferir e tomar decisões, a tarefa de evitar erros que acabem pesando tanto no orçamento quanto na qualidade do produto é minimizada. E ainda alerta que, ‘planejar com antecedência é mais fácil do que ter de voltar atrás’, avisa o autor.

### 3.2 Personagens

É preciso explicitar a importância de personagens cunhados dentre diferenças e percepções de suas realidades. Essa evidencia ganha dimensão quando a tarefa é feita para entender que cada personagem possui um valor e ocupa um lugar pensado na história que se quer tratar. No caso dos fogueteiros, experientes e calouros, fabricantes preocupados com a tradição ou simplesmente ligados a ‘brincadeira’, herdeiros da cultura ou apenas interessados, existe a permissão de fazer um giro e



dialogar com todos dentro da perspectiva de um produto final caracterizado por quem o faz, sem regras ou exclusões. Partindo dessa iniciativa é preciso ter o bom senso é aderir do pensamento de Doc Comparato:

É bom notar que personagens e seres humanos apesar de emanarem sentimentos são frutos de árvores que não dividem a mesma raiz. Os homens necessitam de esperança, enquanto os ficcionais de expectativas. São emoções completamente diferentes, pois carregam níveis diversos de ansiedade e intensidade dramática. (COMPARATO, 2009. p. 68).

Nesse sentido, entra em cena o olhar de quem foi incumbido da tarefa de fazer o roteiro funcionar, outra tarefa de igual relevância, a de submergir uma investigação por entre todos os candidatos propensos a participar da história e eleger quem pode acrescentar, polemizar e até mesmo incorporar o enredo traçado. Para Comparato (2009) o personagem vem a ser algo como personalidade, vistos em pessoas com caráter definido que aparecem na narração e possuem lugar garantido no enredo, seja qual for esse personagem, o que determina o valor desse personagem será a individualidade.

Aliar bons personagens a um roteiro funcional certifica que planejamento, nesse caso o roteiro, e valor dramático reproduzem com eficiência a história de forma visual. Segundo Field (2001, p. 18), ‘O personagem é o fundamento essencial de seu roteiro. É o coração, a alma e sistema nervoso de sua história. Antes de colocar uma palavra no papel, você tem que conhecer seu personagem’, classifica o autor.

## **4 ESTÂNCIA E OS FOGUETEIROS**

### **4.1 O Município De Estância**

Estância é uma cidade com riquezas culturais, o município localizado na região nordeste está situado ao sudeste do Estado de Sergipe, integrando a micro-região do litoral sul sergipano. Sediada em um planalto elevado é cortado por dois rios





importantes o Piauí e o Piauitinga. Banhado pelo Oceano Atlântico suas praias, algumas delas ainda intocadas, são motivos de visitas constantes de turistas de todo o Nordeste e do Sul do país, destacando-se o Abaís e o Saco.

Batizado como ‘Cidade Jardim de Sergipe’ por Dom Pedro II, e pioneiro no Estado por fazer jornalismo com o ‘Recopilador Sergipano’, o município de Estância, distante 68 km da capital aracajuana, abriga pessoas que fazem do mês junino uma época que reafirma esse patrimônio cultural e proporciona tanto aos moradores da região como aos visitantes, vivenciarem o “show” de apresentação dos fogos e do tradicional Barco de Fogo, símbolo e invenção de um nativo da cidade.

A fundação da cidade foi presidida por um mexicano chamado Pedro Homem da Costa que recebeu a doação da terra por um Capitão-Mor da capitania de Sergipe, João Mendes em 1621 e foi denominada “Cidade Jardim de Sergipe”, por Sua Majestade Dom Pedro II, Imperador do Brasil, quando visitou o Estado. Foi Pedro Homem da Costa que edificou uma capela, dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe, Padroeira do México e posteriormente padroeira da cidade.

Segundo o historiador Luís Antônio Barreto, a quadra das festas juninas é autêntica para se falar em cultura e em memória, ou seja, a comunidade é responsável por possuir um papel lúdico, tradicional, folclórico, de grande significado histórico para a humanidade.

#### 4.2 A Arte de ser Fogueteiro

Com o objetivo de formar um trabalho mais organizado, com qualidade e de transmitir para as pessoas uma imagem de confiança, surgiu a ‘Associação dos Fogueteiros e Barqueiros de Estância’. Os fogueteiros associados ainda não têm uma sede fixa e aguardam a construção do novo centro de fabricação de fogos, dessa maneira os encontros ocorrem aleatoriamente no prédio da Secretaria de Cultura do município. Apesar da existência da associação, ainda circulam muitos fogos produzidos por artistas clandestinos, que poderiam fazer parte do grupo, uma vez que a única exigência imposta aos mesmos é que saibam de fato fabricar o produto.

A matéria-prima de fogos como busca-pé, espadas, barco de fogo e tantos outros é o bambu, produto retirado em grande quantidade em território sergipano e



baiano sem custos. Segundo fogueteiros, um barco de fogo pesa em média 30 kg e é oferecido entre os valores de R\$ 400,00 e R\$ 500,00.

Buscar conhecer, ainda que superficialmente, o processo de fabricação desses fogos é o primeiro passo para adentrar na tão proposta ‘idéia de valorização’. Saber como funciona todas as fases de confecção do produto, lhe dar um caráter mais valorizador, implica em avaliar o grau de habilidade refletida na qualidade e o conhecimento de técnicas para um desenvolvimento preciso. E até mesmo o tempo empregado, as matérias-primas, os recursos e tudo o mais que for investido. Os cortejos de pisa-pólvora, que levam dias, exigem do fogueteiro paciência, o ritmo e muitas horas, sem deixar de falar da colheita do bambu.

Rigorosamente falando, a estrutura de uma espada é a estrutura básica de um foguete, ou seja, um artefato capaz de se mover através da propulsão por geração autônoma de energia, nesse caso, tendo como fonte energética a pólvora. (<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19327.pdf>).

É simples entender o processo de produção, que se inicia com a retirada das varas de bambus e o serrar dessas em variados pedaços de diversos tamanhos, mais ou menos de vinte a vinte e cinco centímetros para fazer os busca-pés, espadas e rojões. Os pedaços menores para o “Meio Fogo” e os pequenos que variam de quinze a dez centímetros para os populares ‘pitus’, sem esquecer os ‘diabinhos malucos’ que são feitos de tubos de papelão. Após seu corte o fogueteiro responsável, verifica as tabocas como são chamados, alguns cozinham com um veneno, para evitar o cupim, o famoso broca, que sempre ataca as tabocas após serem armazenadas antes de chegar até o processo final da fabricação. Expostas ao sol por vários dias, até secarem, as tabocas são enroladas com barbantes e cordões encerados com cera de abelha, isso para que o fogo possua um atrito e se torne mais seguro no momento da queima.

O enrolamento inicial num espaçamento de cinco a seis centímetros, depois já no corpo do busca-pé essa diferença é de até um centímetro. Antes de chegar ao final abre-se um espaço de uns oito centímetros, para identificar a diferença do busca-pé da espada, que recebe enrolamento total até o fim, porém, sem o espaço de um centímetro. Já o barco de fogo, é confeccionado com mastro, bandeirolas de diversos tamanhos, de um metro a um metro e meio. A amarração de bambu permite fixar na frente e atrás, pares de espadas na popa e na proa para impulsionar o objeto.



O Luís Antônio Barreto, diz que hoje o fogo virou arte com os fogos de artifício, alguns com estouro como o busca-pé e outros não, como as espadas. Estância é privilegiada por possuir algo de extrema riqueza, não só visual, como por sua estrutura pelo fato da cidade fabricar a própria pólvora (composta por enxofre, carvão e salitre) e ter a mão-de-obra. A manifestação em Estância é forte e ainda hoje possui o pisa pólvora que envolve a dança de coco ao redor do pilão de pólvora.

## **5 DOCUMENTÁRIO: ‘UMA TRADIÇÃO QUE É FOGO’**

Após lançar a proposta do projeto e confirmar a confecção de um vídeo-documentário como produto final, era preciso conhecer de perto e fazer contato com os fogueteiros da cidade de Estância. A primeira etapa foi cumprida com uma visita ao município no dia 08 de agosto de 2009, já no local, com a ajuda de moradores, chegamos até a casa dos fogueteiros mais conhecidos.

Passado dois meses, especificamente, no dia 25 de outubro, voltamos a fazer contato com os fogueteiros. Agendamos para um sábado, 31 de outubro, a gravação com dois dos fogueteiros mais respeitados da cidade. De posse do contato dos fogueteiros, decidimos que algum representante da Prefeitura Municipal de Estância deveria ser convocado para falar sobre o assunto, para tanto foi preciso fazer contato com a prefeitura, que logo indicou o secretário de Comunicação e Turismo, Luís Carlos Dussantus, que discutiu o tema e expôs o trabalho realizado com os mesmos.

Fechados horários e o local para gravação, a nossa equipe tomou o rumo da cidade de Estância no dia combinado (31 de outubro) para dar início à captação de imagens e sonoras. O roteiro de gravação proposto seguiu em uma ordem natural, captação de sonoras e só depois no momento de edição a criação de um story line para dar sentido e colar as falas as imagens.

A primeira conversa foi com o secretário Luiz Carlos, a entrevista seguinte foi com o Adenilson da Conceição, fogueteiro há 20 anos, presidente da Associação de Fogueteiros e Barqueiros de Estância, Adenilson, 35 anos, é conhecido pelo apelido de ‘Cride’, possui um filho e pretende repassar a tradição. A terceira entrevista foi feita com o Carlos Alberto Conceição, o popular Carlinhos, atual vice-presidente da Associação dos Fogueteiros e Barqueiros de Estância.



O cenário escolhido para a gravação das imagens foi à praça principal, Praça Barão do Rio Branco, onde alguns pontos poderão ser destacados. O primeiro foi o ‘antigo abrigo’, o segundo o prédio da Prefeitura da Municipal e por fim a Igreja Nossa Senhora de Guadalupe. Os dois últimos cenários são símbolos de riqueza da arquitetura local.

Foram registradas ainda imagens na casa do fogueteiro Carlinhos. O fogueteiro ainda liberou fotos, de arquivo pessoal, de barcos que participaram de concursos e foram premiados.

O secretário Luis Carlos cedeu cópia de um material confeccionado pela Secretaria Municipal de Turismo e Comunicação, que segundo o mesmo, ainda precisa ser concluído.

Para a confecção do documentário também foi usado material produzido na primeira análise da tradição no primeiro semestre de 2007, pela antiga equipe de pesquisa. O grupo anterior concordou em passar os direitos autorais, autorizando a utilização do material e a posse do título do projeto.

Foi utilizado também o documentário ‘Cidade do Fogo’, uma produção da Aperipê TV.

Constatamos a necessidade de especialistas e após um contato antecipado, agendamos duas entrevistas a primeira com o historiador Luís Antônio Barreto e a segunda com a também historiadora Josevanda Mendonça Franco. Essas foram realizadas do dia 11 de novembro.

É necessário pontuar que estabelecemos uma parceria com estudantes do curso de Designer da própria Universidade Tiradentes, uma vez que esses precisavam cumprir a disciplina de estágio e a nossa equipe buscava um serviço de edição. Diante um acordo satisfatório para as partes foram dados os primeiros passos.

Colhido o material de apoio, de posse das entrevistas necessárias e parceiros de futuros designers, partimos para montar o documentário. O processo de edição foi iniciado no dia 12 de novembro, nesse momento todo o material obtido foi levado à equipe de editores. No segundo encontro, ocorrido no dia 16 de novembro, diante da finalização do processo de decupagem, foram feitos os cortes nos vídeos, no dia 18, as cenas começaram a ser montadas. O último encontro com a turma de designer foi no dia 20 de novembro, onde os blocos das cenas foram encaixados, a arte da abertura do vídeo e os créditos colocados no material e o vídeo-documentário ficou pronto.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto denominado “Uma tradição que é Fogo”, surgiu da idéia de apresentar ao público acadêmico uma tradição rodeada de curiosidades e desenrolada pela história do município de Estância. O documentário gira em torno dos personagens principais, os fogueteiros que fazem dessa atividade informal uma tradição de respeito. Assim, o interesse de divulgar e mobilizar os fabricantes surgiu e foi contextualizado.

Para o trabalho ser concretizado foi necessário visitas a cidade, a realização de contato com os fogueteiros. Desse modo, tais aspectos contribuíram e propiciaram de forma favorável o êxito e a qualidade do produto final.

A qualidade do trabalho acadêmico se deve a um embasamento teórico e um desenvolvimento consistente. Diante disso não ficou esquecida a tarefa de realizar leituras sobre cultura, entrevistas, vídeo, roteiro, folclore e o que mais tivesse a acrescentar no processo de confecção do projeto. Pontuando que a leitura contemplou autores de renome nacional, internacional e local. Esse último proporcionou uma aproximação ainda maior com a realidade perante a riqueza de detalhes.

A pesquisa e o próprio projeto em si obtiveram sucesso, pois o trabalho mesmo em processo inicial se apresentou viável e com facilidades para ser desenvolvido. É de conhecimento que o assunto sobre fogos já foi explorado em outros estudos, mas a idéia de abordar cuidadosamente outros aspectos que se deteve na proposta de ‘dar nomes e face’ a esses fogueteiros sem deixar de lado o trabalho com a cultura, estímulo e reconhecimento da atividade que já experimentou crises.

Destacar a parte da produção dos fogos foi outro aspecto benéfico que permitiu visualizar e entender a periculosidade destes produtos (busca-pé, espada, rojões, barco de fogo) e o porquê do custo.

Dentre colaboradores: os historiadores e intelectuais, Luís Antônio Barreto e Josevanda Mendonça, que contribuíram ao relatar sobre a origem da tradição na cidade, o vice-presidente da Associação dos Fogueteiros de Estância, Carlos Alberto Conceição (Carlinhos), demais fogueteiros e o secretário de Turismo e Comunicação Luiz Carlos Dussantus que explanou sobre o projeto ‘Forró do Lampião’.

Pretende-se com esta pesquisa e registro acadêmico fomentar um interesse entre professores, alunos e a própria sociedade, gerando uma curiosidade significativa



propícia para aqueles que já tinham o intuito de conhecer a tradição de ser fogueteiro e com essa abordagem passem a se sentirem ainda mais atraídos em visitar a cidade de Estância.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Luís Antônio. **Folclore – Invenção e Comunicação**. Aracaju. Typografia. Editorial Scorteccei Editora, 2005.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática/ Doc Comparato**.- São Paulo: Summus, 2009. (Biblioteca fundamental de cinema; 4 / direção: Francisco Ramalho Jr.).

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia/ Eunice Ribeiro Durham**; organização de Omar Ribeiro Thomaz; prefácio de Peter Fry. – São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FIELD, Sid. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico/ Syd Field**. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade/ tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade**. – 4. Ed. 4. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (- Ensaios Latino- americanos, 1).

GUEDES, Stela Caputo. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências/ Stela Guedes – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.**

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade/ tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 9. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2004.**

KELLISON, Cathrine. **Produção e direção para TV e vídeo: uma abordagem prática / Cathrine Kellison; tradução de Natalie Gerhardt**. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2007 – 2ª reimpressão.

LARAIA, Roque de Barros. **1932 - Cultura um conceito antropológico/ Roque de Barros. Laraia - 15º ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.**

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural/ 3. Ed., 1ª reimpressão**. – São Paulo: Contexto, 2008. (Coleção comunicação).

SANTOS, José Luiz dos. 1949 - **O que é cultura / José Luiz dos Santos**. São paulo: Brasiliense,2006.(Coleção Primeiros Passos; 110).



SEPAC. **Vídeo: da emoção à razão: laboratório** / SEPAC – Serviço à Pastoral da Comunicação – São Paulo: Paulinas, 2007. – (Coleção pastoral da comunicação: teoria e prática. Série manuais).

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**/ Muniz Sodré. Petrópolis, RJ:Vozes, 1996.

Cidade de Fogo (Documentário). Produção de Pascoal Maynard. Aracaju-SE: Aperipê TV – Canal 2, 2008.

Estância em Progresso (Vídeo Institucional). Produção da Prefeitura Municipal de Estância. Coordenação da Secretaria de Turismo e Comunicação. Estância-SE. 2009.

Uma Tradição que é Fogo (Vídeo Acadêmico). Produção dos alunos Andreza Mota de Oliveira Andrade, Nivaldo Cândido de Souza, Shislane da Vitória Silva, Rogério Santos Souza, Milton Alves Júnior, Polyanna de Melo S. Santana e Jobson Luz dos Santos. Coordenação da professora Juliana Barbosa. Aracaju-SE. 2007.

Globo Reporter - Rede Globo. Brincando com o perigo. <<http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-6004-2-99624,00.html>>. (19.09.2009).

Leonardo Brant. CULTURA E MERCADO. <<http://www.culturaemercado.com.br>>. (20.09.2009).

Moacir Carvalho. BRINCANDO COM FOGO: ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES DA GUERRA DE ESPADAS EM CRUZ DAS ALMAS. [online] Disponível na Internet via WWW.URL:<<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19327.pdf>>. Arquivo capturado em 29 de setembro de 2009.

Vanessa Zandonade e Maria Cristina de Jesus Fagundes. O vídeo documentário como instrumento de mobilização social. [online] Disponível na Internet via WWW.URL:<<http://www.bocc.uff.br/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>>. Arquivo capturado em 23 de outubro de 2009.

GOMES, L. F. **Cinema nacional**: caminhos percorridos. São Paulo: Ed.USP, 2007.